

# Corpo, pintura, cor, fronteira: prática e pesquisa acerca dos desdobramentos pictóricos

Painting, color, body, border: practice and research on pictorial developments

ANA HELENA DUARTE <sup>1</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Uberlândia MG, Brasil

CAMILA RODRIGUES MOREIRA CRUZ <sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Belo Horizonte MG, Brasil

RODRIGO FREITAS RODRIGUES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Uberlândia MG, Brasil

## RESUMO

O dossiê "CORPO PINTURA COR FRONTEIRA" reflete sobre a vitalidade persistente da pintura contemporânea, destacando sua expansão e diálogo com outras formas de expressão nas artes visuais. Originado no II Colóquio Internacional de Pintura, aborda as intersecções entre corpo, cor e fronteira, promovendo uma constelação de reflexões. A obra examina a pintura como força motriz, atravessando fronteiras geográficas, políticas e tecnológicas. Os textos destacam a constante metamorfose da pintura diante de desafios políticos, econômicos e tecnológicos, ressaltando sua relevância nas artes contemporâneas. Ao explorar migrações de imagens, o dossiê aborda questões que desafiam as categorias de pensamento, incentivando um diálogo amplo sobre práticas artísticas contemporâneas.

## PALAVRAS-CHAVE

pintura, arte contemporânea, cor, corpo, fronteira

## ABSTRACT

The dossier "BODY PAINTING COLOR BORDER" reflects on the persistent vitality of contemporary painting, highlighting its expansion and dialogue with other forms of expression in the visual arts. Originated at the II International Painting Colloquium, it addresses the intersections between body, color and border, promoting a constellation of reflections. This dossier examines painting as a driving force, crossing geographical, political and technological borders. The texts highlight the constant metamorphosis of painting in the face of political, economic and technological challenges, highlighting its relevance in contemporary arts. By exploring image migrations, the dossier addresses questions that challenge categories of thought, encouraging a broad dialogue on contemporary artistic practices.

## KEY WORDS

painting, contemporary art, color, body, border

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP com estágio de Doutorado na Universidade de Évora UE/Portugal. Docente no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia e no Programa de Pós-Graduação em Museologia/UFBA.

<sup>2</sup> Doutora em Arts Plastiques pela Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Docente no Departamento de Desenho/Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Doutor em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2016) e docente no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao longo das últimas décadas, têm sido empregadas diversas formulações teóricas na tentativa de delinear e compreender as múltiplas manifestações da pintura<sup>4</sup>, desde a ruptura com o suporte convencional até as explorações cromáticas utilizando diversos materiais, bem como seu diálogo ampliado com outras formas de expressão no campo das artes visuais. No âmbito desta reflexão, que abarca as diversas expansões da pintura, evidencia-se um renovado vigor dessa prática artística, tantas vezes sentenciada à morte<sup>5</sup> (CRIMP, 1981, p.75), embora incessantemente revitalizada por meio de suas dinâmicas e interlocuções estéticas.<sup>6</sup> Vale lembrar que, em um passado mais distante, a proliferação dos meios de reprodução técnica alterou fundamentalmente nossa percepção e interação com as obras de arte, contribuindo para o fortalecimento da autonomia dos objetos artísticos em relação ao contexto original de sua criação (BENJAMIN, 2017). A partir da década de 1960 a pintura se expande e dialoga cada vez mais com outras práticas artísticas (BOIS, 2004). Apesar dos apelos da crítica, o fato é que a pintura nunca foi ameaçada por qualquer modo de representação ou nova tecnologia; pelo contrário, estas contribuíram ativamente para enriquecer seu espectro iconográfico, consolidar seus pontos de vista críticos e ampliar sua área de especificidade técnica. Assim, da mesma forma que o advento da fotografia no século XIX ou a ascensão de novas tecnologias no século XX não resultaram no desaparecimento da pintura, os processos digitais que engendram nosso ambiente no século XXI não a precipita para tal destino. Isso pode ser observado, longo das últimas duas décadas, por meio do crescente interesse por questões relacionadas à pintura, com um número cada vez maior de artistas que, demarcam a relevância dessa prática, ao interpelar

---

<sup>4</sup> Pintura expandida, pintura em distensão, pintura reencarnada, pintura ampliada. A expansão do domínio da pintura é evidente na arte moderna e, especialmente, na contemporânea, de maneira semelhante à análise que Rosalind Krauss realizou sobre o campo ampliado na escultura (Krauss, 1984). Em âmbito nacional, é pertinente destacar as contribuições de Zalinda Cartaxo (2006) e Angelica Moraes (2005) que desenvolveram obras monográficas sobre esse tema.

<sup>5</sup> Ao deparar-se com um Daguerreótipo em 1839, Paul Delaroche (1797-1856) proclamou enfaticamente que, a partir daquele momento, a pintura encontrava-se morta. A profecia sobre o fim da pintura ecoou como uma das previsões mais antigas ao longo de todo o século XX. Durante esse período, uma sucessão de defensores da "morte" da pintura surgiu, incluindo artistas como Joan Miró, Francis Picabia, Kasimir Malevitch, Piet Mondrian e Ad Reinhardt.

<sup>6</sup> DANTO, Arthur C. Pintura, Política e Arte Pós-Histórica (1981), In. Após o fim do art. Arte Contemporânea e os limites da História. São Paulo: Odysseus, 2010.

pictoricamente o nosso tempo, mesmo diante das circunstâncias advindas da era digital (HUDSON, 2021).

Partindo dessa premissa e considerando sobretudo as reflexões geradas a partir das práticas artísticas e do trabalho no ateliê, é possível constatar não apenas a persistência prolífica da pintura no contexto da arte produzida nos dias de hoje e no passado recente, mas também a intensa efervescência de debates que essa linguagem tem suscitado. De maneira particular, à luz das intersecções de nosso tempo, é possível investigar de que modo a pintura contemporânea se dissemina e produz novos significados a partir de diálogos abrangentes com outras práticas artísticas, bem como por meio de sua distensão geográfica e demográfica aliada às suas conexões com a tecnologia e com os meios de difusão de imagem.

Considerando uma das primeiras iniciativas do século XXI para redefinir a prática da pintura, o curador da exposição "Painting at the Edge of the World" (2001), Douglas Fogle, concebe a pintura como um "empreendimento filosófico que não necessariamente implica a aplicação de tinta" (FOGLE, 2001, p.55). A mostra em questão investiga as potencialidades de uma reformulação e "hibridização" da pintura a partir da década de 1960, analisando como essas novas visões artísticas se manifestam nos dias de hoje. Nesse contexto, o curador destaca que um artista pode empregar tanto um pincel quanto uma câmera para atingir seus objetivos. Essa perspectiva é corroborada de maneira semelhante em várias outras exposições de pintura que proliferaram desde o início deste século, todas postulando, acima de tudo, a dissolução das fronteiras artísticas<sup>7</sup>.

Diante da complexidade intrínseca à pintura contemporânea e da variedade de abordagens que podem ser adotadas em relação a essa expressão artística, este dossiê se apresenta como uma seleção específica em meio a diversas perspectivas dedicadas ao estudo desse tema. Contudo, destaca-se pelo fato de proporcionar uma reflexão acerca da prática pictórica, estabelecendo um diálogo com a pesquisa acadêmica conduzida por artistas-pesquisadores de diversas instituições de ensino superior no Brasil e no exterior. Esses/as estudiosos/as compartilharam suas

---

<sup>7</sup> Citamos algumas exposições de pintura que ampliaram a discussão sobre o tema: *Painting at the Edge of the World* (2001), curada por Douglas Fogle; *As Painting: Division and Displacement* (2001) curada por Stephen Melville, Philip Armstrong e Laura Lisbon; *Urgent Painting* (2002) curada por Hans Ulrich Obrist; *Cher Peintre... Lieber Maler... Dear Painter* (2002) Alison M. Gingeras, Sabine Folie, e Blazenka Perica; *Glee: Painting Now* (2000 – 01), curada por Amy Cappellazzo e Jessica Hough; *Painting Pictures: Painting and Media in the Digital Age* (2003), organizada por Gijs van Tuyl e Annelie Lütgens.

reflexões durante o II Colóquio Internacional de Pintura, promovido Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino - NUPPE, vinculado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia UFU e organizado em colaboração com a Escola de Belas Artes/UFMG, a Université Bordeaux Montaigne, Connectif Plateforme Créative-France e com o apoio da Aliança Francesa e da Embaixada da França no Brasil.

O Colóquio Internacional, intitulado **CORPO PINTURA COR FRONTEIRA**<sup>8</sup>, cujos textos são apresentados nesta publicação, promoveu discussões sobre a pintura contemporânea e teve como objetivo explorar as inúmeras possibilidades e abordagens dessa forma de expressão artística sob uma perspectiva transdisciplinar que envolve tanto a arte quanto os artistas e suas obras. Reconhecendo que a pintura é um meio em constante expansão, os textos aqui apresentados colocam a cor no centro do debate, considerando suas potencialidades conceituais e simbólicas como o elemento unificador das diversas narrativas que constituem a intrincada tessitura do campo pictórico, assim como das experiências vivenciadas.

**CORPO PINTURA COR FRONTEIRA** são palavras cujos sentidos proliferam, sendo portando abordadas enquanto noções fundamentais do fazer artístico, cuja articulação permite a construção de relações ampliadas no que tange à prática pictórica em consonância com as urgências do nosso tempo e espaço. As implicações semânticas de cada uma dessas palavras se desdobram de acordo com o enfoque estabelecido, mas abrem-se mutuamente à pluralidade de sentidos. Assim, a corporeidade objetual da pintura não pode ser pensada sem considerar também as inúmeras implicações políticas, econômicas, geográficas, sociais e estéticas que atravessam o corpo da/do artista. Do mesmo modo, a potência da cor pode ser apreendida em diálogo com a subjacência do informe (DERRIDA, 1998) com a trama estabelecida entre a superfície e a profundidade que o encarnado apresenta (DIDI-HUBERMAN). Mais uma vez, a pintura se revela não apenas como um corpo, mas também como um sujeito. Esse jogo de mão dupla também se observa nas fronteiras que margeiam as práticas tradicionais, que delimitam superfícies distintas e também podem designar os limites geográficos e políticos que nos circunscrevem

---

<sup>8</sup> O Colóquio Internacional "COR PINTURA COR FRONTEIRA" foi realizado nos dias 6, 7 e 8 de dezembro de 2021, fruto da colaboração entre o Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino (NUPPE) do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU), a Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG) e a Université Bordeaux Montaigne.

historicamente no tempo e no espaço. De igual maneira, as ambivalências do corpo - o corpo físico, o corpo das obras, o corpo da pintura, o corpo da tinta, entre outros - tornam-se ainda mais provocadoras quando consideramos suas fronteiras. Como a pintura contemporânea lida com as questões do nosso tempo? Como ela se relaciona com as geografias expandidas, as diversas tecnologias e mídias? Quais são as implicações de um corpo/fronteira, um corpo/limite, um corpo/discurso, um corpo/cor, um corpo/matéria, um corpo/obra?

Diante das indagações apresentadas, é relevante salientar que, no diálogo que originou as reflexões aqui expostas, artistas e pesquisadores se dedicaram a oferecer uma abordagem que se assemelha a uma constelação. Dessa forma, refletem a vasta diversidade de interseções presentes na pintura, sem, contudo, formular um juízo qualitativo específico sobre o tema. Portanto, o escopo desta obra está direcionado à pintura como uma força motriz por trás de práticas que emergem reinventadas dentro desse campo ampliado da arte.

Vale lembrar que durante a era das imagens, ou seja, a partir do século XX, destaca-se a habilidade de alternância, sobreposição, intersecção e até mesmo apagamento pelo excesso de informação veiculado por meio das plataformas digitais. Considerando a multiplicidade desses processos híbridos, as práticas pictóricas alimentam esses incessantes fluxos das imagens. Nesse movimento migratório, as antigas fronteiras são ultrapassadas e a pintura frequentemente se encontra com outras técnicas, o que amplia, distorce, desestabiliza e multiplica sua própria essência.

Além da possibilidade de trânsito que a pintura possibilita, como podemos compreender a situação dos artistas em diversos contextos? É relevante ressaltar que o mencionado colóquio se realizou de forma virtual durante o período de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19. Mesmo diante de crises políticas, econômicas e de saúde, os artistas permaneceram ativos, muitas vezes em um estado que pode ser considerado exílio. Contudo, esse "exílio" não implica apenas um afastamento político e territorial, mas também uma dimensão de consciência. Conforme salientado por Georges Didi-Huberman, "a pintura pensa" (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 9). Ao longo de mais de dois anos, o mundo experimentou uma interrupção que se assemelha a um período de espera em sua existência fluída, desafiando-nos, como habitantes terrestres, a repensar e agir de maneiras inovadoras. A pandemia de COVID-19 acarretou transformações globais, perdas,

rupturas e novos paradigmas para a humanidade. Nesse contexto de ausências fomos compelidos a reconsiderar o corpo e a razão, a cultura, a arte e a própria vida. Diante de um cenário excessivamente tecnológico, a pintura, juntamente com outras práticas artísticas, se impõe como expressão de pensamento, pragmatismo, idealismo e ruptura.

Essas breves observações estabelecem a base para examinar relações artísticas em uma sociedade globalizada, onde os processos e suas nuances podem ser objeto de pesquisa e debate. A proliferação intensificada das tecnologias nas criações contemporâneas têm aprofundado as investigações visuais, políticas e sociais na arte. Além disso, essas tecnologias evidenciam as conexões de mercados e instituições culturais em escala global, impulsionados pelos avanços nas comunicações.

Portanto, neste dossiê, artigos e ensaios<sup>9</sup> abordam a pintura de modo ampliado, explorando suas diversas manifestações. Reconhecemos que o hibridismo inerente a esse vasto campo de discussão desafia categorias rígidas de pensamento, fomentando um diálogo mais amplo sobre práticas artísticas contemporâneas, suas estratégias de circulação e os tensionamentos provocados. O dossiê agrega artigos que exploram e reinterpretam tais conceitos, enriquecidos pela sensibilidade peculiar de seus autores. Dentro desse contexto, os textos têm a liberdade de priorizar uma abordagem específica ao analisar a obra de um artista ou grupo, examinar uma exposição ou coleção de arte, ou até mesmo ao investigar intervenções artísticas particulares. Observa-se que todos os textos compilados nesta coletânea se integram de maneira complementar ao expressar as diversas abordagens da pintura, considerando, sobretudo, as relações dialógicas entre cor, corpo e fronteira que proliferam nas variadas migrações das imagens.

De acordo com Cécile Croce, o termo "migração" abarca várias interpretações: compreende o deslocamento de populações entre países, seja para residência temporária ou permanente; se relaciona à transformação de dados para compatibilidade em ambientes computacionais e à alteração geográfica de diversas espécies viventes. Estes deslocamentos, transformações e mudanças de distribuição

---

<sup>9</sup> Todas as citações desses autores tem origem nos textos reunidos nesta edição. DUARTE, A; RODRIGUES, R. M; MOREIRA, C. (Org.) Dossiê Corpo, pintura, cor, fronteira (vários autores). Revista Estado da Arte, v. 4 n. 2 (2023). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/issue/view/2318>.

delineiam vertentes de significado da migração, considerando territórios e momentos de tensão. A partir dessas premissas, a autora aborda a migração a partir de três eixos distintos: como populações em um ambiente físico, como dados em um ambiente computacional e como espécies em um contexto geográfico. Esse exercício de pensamento proposto pela autora evidencia que o conceito de migração é uma lente valiosa para entender as interações complexas entre as imagens mentais e materiais. Além disso, destaca-se o papel central desempenhado pela arte na investigação dessas interações, revelando as transformações e limitações intrínsecas às imagens migrantes. Estas, moldadas por diversas técnicas e contextos, nos relembram da importância de uma compreensão crítica e sensível das imagens em nossa sociedade, que se torna cada vez mais tecnológica.

Ao refletir sobre a prática da pintura na contemporaneidade, Elissar Kanso destaca-se ao instigar uma reflexão sobre a intensificação tecnológica em contraste com a experiência artesanal. Como podemos traduzir conceitos e ideologias pictóricas diante da atual "urgência tecnológica"? A autora embasa sua abordagem na obra de Marlene Dumas, incorporando a teoria de Aby Warburg e o Atlas Mnemosyne. Além disso, ela propõe um diálogo sobre a interação entre linguagem e realidade, dentro do contexto contemporâneo das artes.

O artista Hervé Penhoat, apresenta a imagem em movimento, narrando seus vídeos em um diálogo com a pintura dentro da esfera contemporânea de produção imagética, onde a tinta e a tela tornam-se luz e tela. Através do diálogo intrínseco entre as linhas e formas plasmadas nos cadernos de desenho, o artista conduz sua análise para o âmbito da tela, explorando a imagem em movimento na criação de mais de 300 vídeos denominados "Instants". Estes vídeos, breves em sua duração, instigam o olhar do observador ao oscilar entre a configuração analítica da imagem e o delicado movimento que dela emerge.

Ainda sobre um olhar contemporâneo da arte que prefigura as particularidades do corpo e suas identidades, subjetividades e necessidade subjacentes, Carmen Nolorve apresenta uma discussão sobre a representação do rosto como identificação / identidade do sujeito. Haveria uma cor para a identidade? A autora explora a diversidade cromática nas obras de artistas que transcendem a representação do corpo e suas conexões com a sociedade.

Bernard Lafargue discute em seu artigo as relações da cor negra na pintura sob um olhar de grandes artistas e suas obras históricas. Explorando a singularidade

do preto, o autor investiga a tonalidade na arte, concentrando-se em obras de artistas como Caravaggio, Manet, Renoir e Soulages.

Apresentamos também, o último artigo escrito por Éliane Chiron (1942-2021 in memoriam), que foi uma artista, pesquisadora e crítica de arte francesa que muito dialogou com a pintura na contemporaneidade, sua apresentação e presentificação no contexto tecnológico da imagem contemporânea. Éliane explora territórios íntimos de produção artística, adotando uma abordagem que transcende o uso convencional de pincéis e tintas, dispensando a tela de tecido e os cavaletes. O artista contemporâneo, em uma reflexão crítica sobre sua própria produção, opta por pintar com as pontas dos dedos, conectando-se diretamente às telas de plasma. Esse método permite um diálogo visceral com a cor, suas retículas, pixels, luz e a organicidade tecnológica, proporcionando uma interpretação artística em sintonia com os desafios e avanços de seu tempo.

Considerando a relevância dessa artista para o debate ampliado da pintura, Cécile Croce propõe uma leitura semiológica de trabalhos de Eliane Chiron, no texto intitulado “A obra como metacorpo”, no qual ressalta as significativas contribuições da artista ao examinar a inter-relação entre cor, matéria e imagem. A autora apresenta a perspectiva de uma economia vital, na qual somos configurados pelo entorno circundante, e o que é “transfundido” em nós concede consistência à nossa percepção, notadamente por meio da cor. Ao se debruçar sobre a obra “Os Nadadores” de Eliane Chiron, ela realça a maneira pela qual estes “nadadores” conferem luz à cor em seus movimentos, insuflando um vermelho vibrante à medida que flui por suas veias e carnes. Para a autora, a cor é concebida como um elemento primordial e constitutivo da matéria, e sua interconexão com o corpo físico e fisiológico é salientada pelas práticas artísticas. Essas reflexões, alargam nosso entendimento acerca da conexão entre cor, matéria, corpo e arte. Suas ideias pavimentam o caminho para novas reflexões estéticas e filosóficas, suscitando questionamentos acerca dos limites e possibilidades da expressão artística, bem como de nossa própria experiência enquanto espectadores.

O texto intitulado “Medusa em vermelho e preto: A ‘pintura digital’ de Éliane Chiron”, escrito por Icleia Borsa Cattani, coloca em evidência o percurso criador da pintura digital da artista e escritora Éliane Chiron. Destaca-se que, em um primeiro momento, a artista dedica-se à criação de desenhos e pinturas, utilizando meios tradicionais e desenvolvendo *poiética* e poética originais. As propriedades da mão, ao



trabalhar, e sua inteligência própria, a fisicalidade dos materiais e dos suportes, as qualidades das linhas e das cores, faziam parte há muito tempo do trabalho de Chiron. O texto ilumina principalmente o tema mítico da figura da medusa presentes na obra de Chiron. Salaria também que as qualidades plásticas das imagens são desenvolvidas e acentuadas, criando uma potência visual derivada da força estética, nas figuras, nos espaços e no tratamento que lhes é dado. Ao trabalhar com a matéria na pintura, Éliane Chiron acumula camadas de cores e figuras, movimenta e distorce o todo, até quase atingir a abstração. O vermelho e o preto são onipresentes e acabam, às vezes, por engolir os personagens, “matando-os” simbolicamente e figurativamente.

Ao considerar "O Corpo da Cor", o pesquisador Marco Gianotti apresenta uma análise específica sobre as cores químicas na arte contemporânea. O desenvolvimento do texto é permeado por diversos apontamentos teóricos, associados e exemplificados por meio de obras de arte de alguns artistas situados em tempos e espaços distintos. No desfecho, o autor nos apresenta seu ponto de vista, afirmando que embora frequentemente tenha-se chegado a um limite, onde a cor efetivamente parece se diluir no espaço como um raio de luz, é inegável que esta nova concepção cromática está relacionada com uma mudança de atitude do artista contemporâneo diante da obra de arte. A utilização da cor neste caso não se resume a pesquisas sobre a harmonia cromática. Através da cor temos a constituição de um novo objeto plástico, uma vez que as cores têm uma presença objetiva e fundante na obra de arte contemporânea. Assim, a relação entre a obra e o observador se transforma por completo. O espaço não é mais concebido como um espaço ideal, a priori, uma forma pura da intuição a ser preenchida, mas como algo que deve ser concebido como um processo, um espaço aberto a novas experimentações.

O texto “Uma Imagética da Folia: A cor permeando as camadas festivas” apresentado por Karina Alves Sousa, destaca a presença da cor na cultura, explorando seus aspectos simbólicos, artísticos, poéticos, físicos e fisiológicos durante as celebrações da Folia de Reis. Sublinha suas práticas na região do Triângulo Mineiro e a complexidade da festa, que envolve tradição, espetáculo e renovação. Explora também a interface entre fotografia e pintura, focalizando a criação artística por meio de figuras e/ou abstracionismos para analisar de que forma as cores contribuem para a criação de significados na festa, levando em consideração os elementos culturais locais e o ambiente festivo. Para expressar a riqueza cultural

da Folia de Reis e salientar a importância da cor na construção de significados, a fotógrafa-pesquisadora utiliza registros fotográficos, com a técnica de sobreposição, marcando a autonomia criativa na pós-produção das fotografias, ressignificando as imagens em composições barroquizantes.

A experiência, ao infundir vitalidade na vida, manifesta-se com máxima potência através da arte. Partindo dessa afirmação, Marco Paulo Rolla aborda o conceito do artista "Multidisciplinar", um termo criado para abranger a multiplicidade de conhecimentos inerentes à prática artística, sem estar rigidamente ligado às especificidades exigidas pelas diversas disciplinas. Dentro dessa proposição, as noções de experiência e vitalidade emergem como elementos fundamentais, ressoando na expressão artística como catalisadores da manifestação multifacetada do artista. O termo "Multidisciplinar" surge como uma resposta à diversidade inerente à empreitada artística, possibilitando a integração e o diálogo entre diferentes formas de conhecimento que se entrelaçam de maneira orgânica e fluente. Ao adotar essa perspectiva, Rolla sinaliza a quebra de barreiras conceituais e a expansão do campo artístico além das fronteiras impostas pelas disciplinas tradicionais. O artista "Multidisciplinar" transcende a limitação imposta pelo isolamento em nichos especializados, propiciando uma liberdade criativa que potencializa a riqueza de suas experiências e o fluxo contínuo de sua expressão.

Diante do exposto, este dossiê, converge para uma conclusão que destaca a relevância persistente da pintura no cenário artístico contemporâneo a partir da diversidade de perspectivas e a constante expansão dessa forma de expressão. A coletânea de textos aqui reunidos propõe uma abordagem plural e transdisciplinar, que captura a complexidade e a vitalidade da pintura no contexto das artes visuais. Ao explorar as interseções entre corpo, cor e fronteira, os artigos revelam a amplitude das possibilidades e abordagens presentes na pintura contemporânea, sua constante metamorfose e capacidade de se reinventar diante de desafios políticos, econômicos e tecnológicos. Assim, ao examinar a pintura e suas diversas migrações pelo campo da imagem, os textos aqui reunidos desafiam as categorias rígidas de pensamento e incentivam um diálogo mais amplo sobre as práticas artísticas contemporâneas. A proliferação intensificada das tecnologias é reconhecida como um impulso para investigações visuais, políticas e sociais na arte, conectando mercados e instituições culturais em escala global. Nesse contexto, o presente dossiê reforça a importância de abordagens diversas e plurais, expressando as múltiplas dimensões da pintura e

as relações dialógicas entre cor, corpo e fronteira que permeiam as variadas migrações das imagens.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BOIS, Yve-Alain. **A pintura como modelo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOIS, Yve-Alain, BUCHLOH, Benjamin H.D., FOSTER, Hal e KRAUSS, Rosalind. **Art since 1900**. Modernism, antimodernism, postmodernism. Londres: Thames & Hudson, 2004.

CARTAXO, Zalinda. **Pintura em Distensão**. São Paulo: Centro Cultural Telemar, 2006.

CRIMP, Douglas. The End of Painting. **October**, vol. 16, 1981, pp. 69–86. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/778375>. Accessed 24 Nov. 2023.

DANTO, Arthur C. **Após o fim do arte: A Arte Contemporânea e os limites da História**. São Paulo: Odysseus, 2010.

DEBRABANT, Camille. **Peinture: Obsolescence Déprogrammée** la peinture dans l'environnement numérique. Paris: MASC, 2020.

DERRIDA, Jacques. **Enlouquecer o subjétil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pintura encarnada**. São Paulo: Escuta, 2012.

FOGLE, Douglas. **Painting at the Edge of the World**. Minneapolis: Walker Art Center, 2001.

GODFREY, Tony. **Painting Today**. Londres: Phaidon Press, 2014.

HUDSON, Suzanne. **Contemporary Painting**. Londres: Thames & Hudson Ltd, 2021.

MORAES, Angélica. **Pintura reencarnada**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

## Sobre os autores

Aninha Duarte é artista plástica. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP com estágio de Doutorado na Universidade de Évora UE/Portugal. Professora no Curso de Graduação em Artes Visuais, Mestrado em Artes UFU e no Programa de Pós-Graduação em Museologia/UFBA. Pesquisadora dos Núcleos de pesquisa NUPPE/UFU (Líder), NEHSC/PUC/SP, e GREC/UFBA. Atua como artista plástica com mostras no Brasil e no Exterior.

aninhaduarteufu@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2979644366089603>

<https://orcid.org/0000-0001-9388-0331>

Camila Moreira é artista plástica. Doutora em Arts Plastiques pela Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne, mestre em Arts Plastiques pela mesma universidade e graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Desenho/Escola de Belas Artes. Sua pesquisa contempla o desenho na atualidade, processos híbridos, o exílio, a mestiçagem na arte e o processo de criação. Atua como artista visual com mostras no Brasil e no exterior. É coordenadora do NEDEC / UFMG (Núcleo de Estudos e Ensino em Desenho Contemporâneo), das linhas de pesquisa: Desenho e Híbridismo de Linguagens Desenho Contemporâneo e Desenho Pensamento e escrita; pesquisadora do NUPPE/UFU (Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino), linhas de pesquisa: Pintura e Interfaces com outras linguagens (coordenadora) e Estudos Cromáticos. É membro da Associação de Artistas (Art)ère (Paris). Participa de exposições nacionais e internacionais. Possui obras no acervo do MACRS e MAC Dragão do Mar.

camilarmcruz@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4577965193482567>

<https://orcid.org/0000-0001-7427-0183>

Rodrigo Freitas Rodrigues possui doutorado em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2016), mestrado e graduação pela mesma instituição. Atualmente é professor do magistério superior da Universidade Federal de Uberlândia, integrante do Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino (NUPPE), coordenador executivo do Sistema de Museus da UFU (SIMU) e coordenador geral do Museu Universitário de Arte - MUnA.

rodrigofreitasufu@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4598876696156622>

<https://orcid.org/0000-0001-9523-3007>

Recebido em: 06-12-2023

## Como citar

**DUARTE, Ana Helena; MOREIRA, Camila Rodrigues; RODRIGUES, Rodrigo Freitas (2023). Pintura, cor, corpo, fronteira: prática e pesquisa acerca dos desdobramentos pictóricos. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.4, n.1, p.XX-XX, jan./jun. 2023.**

<https://doi.org/10.14393/EdA-v4-n1-2023-71708>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

